

AZEVEDO, D. J. O. de.; SILVA, F. M. da. Colocações, estereótipos e clichês: definições e diferenças. *ReVEL*, vol. 15, n. 29, 2017. [www.revel.inf.br]

**COLOCAÇÕES, ESTEREÓTIPOS E CLICHÊS: DEFINIÇÕES E
DIFERENÇAS**
**COLLOCATIONS, STEREOTYPES AND CLICHÉS: DEFINITIONS AND
DIFFERENCES**

Diego Junior Oliveira de Azevedo¹

Fernando Moreno da Silva²

diego_azevedo96@hotmail.com

moreno@uenp.edu.br

RESUMO: Dentro dos estudos lexicológicos, a definição e a delimitação de unidades fraseológicas são um desafio. Partindo da divisão dessas unidades em dois grupos – prototípicos e periféricos -, o objetivo deste artigo é definir e diferenciar três das unidades fraseológicas periféricas: colocação, estereótipo e clichê. A Fraseologia, ramo linguístico que se ocupa do estudo das unidades fraseológicas, tem focado suas pesquisas nas unidades prototípicas, sobretudo expressões idiomáticas e parêmiás. Como não há muito estudo das unidades periféricas, optou-se aqui em propor definições e diferenças a essas três unidades, a saber: colocação: expressão frequente composta de duas palavras; clichê: expressão frequente composta de mais de duas palavras, sem ideia preconcebida; estereótipo: ideia ou expressão que veicula ideia preconcebida. Apesar de ser essa uma proposta, é sabido que não há consenso entre os fraseólogos a respeito da definição e delimitação das unidades fraseológicas.

PALAVRAS-CHAVE: fraseologia; colocação; estereótipo; clichê.

ABSTRACT: Within lexicological studies, the definition and delimitation of phraseological units is a challenge. Starting from the division of these units into two groups - prototypical and peripheral - the aim of this article is to define and differentiate three of the peripheral phraseological units: collocation, stereotype and cliché. The Phraseology, linguistic discipline that deals with the study of phraseological units, has focused its research on prototypical units, especially idioms and proverbs. As peripheral units have not been thoroughly studied to date, we have decided to propose definitions and differences to these three units: collocation: frequent expression composed of two words; cliché: frequent expression composed of more than two words and no preconceived idea; stereotype: idea or expression that manifests preconceived idea. Although this paper is a proposal, it is well known that there is no consensus among phraseologists about the definition and delimitation of phraseological units.

KEYWORDS: phraseology; collocation, stereotype; cliché.

¹ Graduando; Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP/CJ.

² Doutor; Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP/CJ.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Compreender as unidades lexicais de uma língua tem despertado cada vez mais o interesse de estudiosos da linguagem sob os mais diversos enfoques, merecendo destaque as contribuições da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia. Esse interesse ocorre porque, como destacam Lorente (2003: 20) e Seide, Vescovi e Cottica (2016: 239), o estudo do léxico se caracteriza como um tema transversal, presente em várias disciplinas: morfologia, semântica, lexicologia, linguística textual, ensino, etc. Quando falamos em unidades lexicais, logo se associa às palavras que estão à disposição dos falantes. Essas palavras, por sua vez, nem sempre são unidades simples e de valor semântico transparente, constituindo sequências complexas com tamanho de uma frase, mas valor de uma palavra. É nesse contexto que emerge a fraseologia como área interdisciplinar que se vale dos conhecimentos de diversos campos dos estudos linguísticos para investigar as formações lexicais de significação superior à palavra.

Diante disso, o presente artigo se enquadra dentro dos estudos da Fraseologia, subárea da Lexicologia, que se ocupa de estudar unidades polilexicais, ou seja, conjunto de palavras que equivalem a uma palavra. Na Fraseologia, as unidades polilexicais recebem genericamente o nome de frasemas ou unidades fraseológicas (UF's). Especificamente, a preocupação aqui é abordar três tipos de unidades fraseológicas: colocação, estereótipo e clichê. Por que essas três unidades? Em geral, essas unidades, com exceção da primeira, são pouco exploradas nas pesquisas. Se são, fazem-no separadamente. Aqui o objetivo geral é conceituar e descrever esses frasemas no contexto geral das unidades polilexicais. Como objetivos específicos, vamos apresentar e descrever os conceitos de colocação, estereótipo e clichê e demonstrar a problemática na distinção entre as UF's aludidas. O artigo está organizado da seguinte maneira: (i) apresentação do conceito de léxico e suas unidades, (ii) breve histórico e objeto de estudo da Fraseologia, (iii) apresentação e descrição do conceito de colocação, estereótipo e clichê e (iv) dificuldade em classificar as UF's.

1. AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

A língua, vista sob a óptica da linguística estrutural, é composta por vários níveis: sonoro (fonético/fonológico), morfológico, lexical, sintático, textual, discursivo e semântico. O nível lexical, situado entre o morfológico e o sintático, corresponde à “somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades” (Biderman 2001: 179). Essa experiência acumulada é manifestada por meio de “um conjunto relativamente extenso de palavras à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados” (Antunes 2007: 42). Assim, o léxico pode ser definido como o repertório de palavras presentes na língua e que possibilita a interação verbal.

O fato de existir um número significativo de palavras que formam nossos enunciados justifica a existência de diversas ciências que se debruçam sobre o mesmo objeto, o léxico. Ao tomarmos a palavra como unidade lexical, temos também a necessidade de uma investigação teórica capaz de conceituar o que é uma unidade lexical, uma palavra. Essa investigação teórica é função da Lexicologia. Entretanto, não basta apenas conceituar o que é a unidade lexical, pois é preciso registrar quais lexias³ estão sendo partilhadas entre os falantes. Adentramos, dessa forma, no campo da Lexicografia, cujo objeto é registrar as unidades lexicais. Devemos recordar ainda os casos em que uma lexia adquire um significado específico dentro de uma ciência particular, como a medicina, a informática, a linguística, etc., valendo-se de unidades gerais da língua para expressar conceitos característicos de seus domínios. Nesse campo atua a Terminologia, investigando os termos especializados.

Quanto às unidades do léxico, Pottier (1978: 269-70) as divide em lexias simples, compostas, complexas e textuais⁴, pois as palavras não são empregadas unicamente em função das regras gramaticais, mas por paradigmas linguísticos nos quais “o todo vale pelas partes” (Saussure 1995: 148). Dessa forma, temos a origem dos estudos da Fraseologia, cuja preocupação está centrada nas unidades polilexicais

³ Quando se fala em lexia, segue-se o mesmo princípio de outras ciências: na fonologia temos o fonema como entidade abstrata, e o fone para designar seu uso concreto. Na morfologia, o morfema como entidade abstrata, e o morfe como realização. Assim, nas ciências do léxico, temos o lexema para representar a unidade abstrata, e lexia para designar o uso real.

⁴ Lexia simples: construção linguística formada por apenas uma unidade; lexia composta: construção linguística formada por duas unidades separadas por hífen; lexia complexa: construção linguística formada por ao menos duas unidades (sem hífen); lexias textuais: construções linguísticas com certa autonomia dentro do discurso, embora determinadas semanticamente.

com a extensão de uma frase, porém com o valor de uma palavra. Entre os exemplos de UF's, destacamos as expressões idiomáticas (EI's), os provérbios, as colocações, os clichês e os estereótipos.

2. A FRASEOLOGIA

Em geral, a palavra é tomada como unidade léxica. Entretanto, definir o que é uma palavra não é uma tarefa fácil. A construção “fui ao banco”, por exemplo, configura-se como adequada aos princípios da norma, pois constitui sentido apenas com a soma dos seus integrantes. São, portanto, lexias simples. O mesmo não ocorre com a expressão “couve-flor”, que apresenta mais de um elemento, formando um todo registrado pelos dicionários, mas designando um único objeto, constituindo uma lexia composta. Já as construções como “ódio mortal” e “bater as botas” (lexias complexas), ao contrário das duas primeiras, não são registradas sob a forma de entrada nas obras lexicográficas nem apresentam significado transparente. O significado delas se dá a partir do todo e não pela simples soma das partes. Uma sequência de palavras com valor semântico e sintático de uma única palavra. O processo pelo qual um conjunto de signos adquire o valor de uma palavra é chamado “lexicalização”. Assim, estudar unidades do tamanho de uma “frase” é o objetivo da Fraseologia, uma subárea⁵ da Lexicologia.

Em relação aos estudos fraseológicos, embora haja esboços de pesquisas fraseológicas já no século XVIII⁶, na Europa Ocidental será somente com Charles Bally que ela se tornará conhecida. Hoje, contudo, as UF's ganharam significativa atenção dentro da pesquisa linguística. Os estudos sobre EI's e provérbios, por exemplo, estão muito desenvolvidos. Para classificar as UF's, encontramos várias propostas, como Sanromán (2001), Ortiz Alvarez (2011, 2012) e Monteiro-Platin (2014: 64).

Para Sanromán (2001), os frasemas podem ser distinguidos em dois grupos: (i) frasemas pragmáticos, correspondendo às fórmulas de rotina e interação social e (ii) frasemas semânticos, que se subdividem em frasemas completos; semi-frasemas;

⁵ Não estamos a debater, nesse momento, se a Fraseologia pode ser considerada uma ciência ou ainda é apenas uma subárea da Lexicologia. O fato é que essa área, dentro dos estudos lexicais, tem contribuído significativamente à compreensão dos elementos que integram o léxico.

⁶ Para Mironesko (1997 *apud* Monteiro-Platin 2014: 25) “a fraseologia teórica foi iniciada pelo russo Michail Vasilevich Lomonósov (1711-1765), que, ao incluir parêmsias e modismos russos em sua gramática, procedeu a uma análise minuciosa, assinalando uma semelhança entre a palavra e as frases”.

e quase-frasema. Monteiro-Platin (2014: 64), por sua vez, adota como critério de classificação a dicotomia unidades prototípicas (aquelas que apresentam todas as características de uma unidade polilexical e lexicalizada) e unidades periféricas (aquelas que apresentam parte das características das unidades polilexicais). Com base na classificação de Monteiro-Platin (2014), adotamos a seguinte divisão das unidades polilexicais, conforme o Quadro 1:⁷

Quadro 1: Classificação dos frasemas.

| FRASEMAS PROTOTÍPICOS | FRASEMAS PERIFÉRICOS |
|--|---|
| 1. Expressão idiomática (“Chutar o pau da barraca”) 2. Provérbios (“Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”) 3. Pragmatema ou fórmula (“bom dia”, “por favor”) | 1. Locuções (Nossa Senhora!) 2. Colocações (Vinho tinto) 3. Bordão (Foi sem querer querendo) 4. Slogan (Dedicação total a você) 5. Estereótipo (O Brasil é o país do futebol) 6. Clichê (Viveram felizes para sempre) 7. Dilema (Um por todos e todos por um) |

Fonte: elaborado pelos autores.

O que são frasemas prototípicos? São expressões completamente lexicalizadas que apresentam os três atributos de uma unidade fraseológica: polilexicalidade, estabilidade, metafóridade. Por sua vez, frasemas periféricos são expressões parcialmente lexicalizadas, em zonas transitórias, pois não apresentam todos os atributos: são polilexicais, pois são formadas por mais de duas palavras; são estáveis, pois são repetidas de forma cristalizada, sem alteração das unidades; mas não são totalmente metafóricas, pois preservam o sentido das partes.

Para o presente trabalho, por uma questão de espaço e de critério, abordaremos as colocações, os estereótipos e os clichês, descrevendo as principais características dessas três unidades específicas, bem como a problemática existente em delimitá-las.

3. COLOCAÇÃO

Colocação é uma sequência lexical formada de duas palavras que se repetem em contextos semelhantes. Embora um tanto genérica, essa hipótese na definição de

⁷ Para definições mais específicas em relação a cada UF, sugerimos Xatara (1998), Gama (2009), Sabino (2010), Carvalho (2011), Florencio (2011) e Monteiro-Platin (2014).

colocação nos orienta para as primeiras reflexões sobre essa UF, pois ela apresenta duas características fundamentais: composta por mais de uma palavra e repetição. Nos dicionários gerais de língua, como Borba (2011), Houaiss (2009), Ferreira (2010), Sacconi (2010) e Michaelis (2016), no verbete “colocação” não há a acepção de unidade fraseológica, mas apenas a referência à disposição ou à ordem dos vocábulos numa frase. Buscando uma definição mais precisa para as UF’s, o autor português Sanromán (2001) apresenta as colocações como um semi-frasema, isto é, um grupo de UF’s que se situam em nível intermediário entre os frasemas completos e os quase-frasemas, pois não apresentam a prototipicidade das expressões idiomáticas e dos provérbios, mas também diferem dos quase-frasemas⁸ por não levarem em consideração o significado particular de cada elemento que a compõe. Assim, as colocações estão em vias de lexicalização.

De acordo com Monteiro-Platin (2014: 72), a relação entre os elementos que compõem as colocações (a base e o colocado) segue um princípio “léxico-semântico”. Dessa forma, a combinação lexical frequentemente aparece com a mesma ordem, possibilitando a noção de naturalidade na relação entre as palavras. Como exemplo, tomamos a colocação “prato feito”, em que, se considerados apenas os elementos que a compõem de forma isolada, teríamos como significado “objeto que se usa nas refeições + que foi produzido”. Entretanto, ao entender a construção como um todo, chegamos ao valor semântico geralmente empregado num restaurante, em que a unidade aludida corresponde a “almoço trivial e de baixo preço, que já vem servido [...]” (Aurélio 2010). Observamos, dessa maneira, no exemplo citado, o princípio léxico/semântico, pois sempre que essas duas lexias forem empregadas juntas e em contextos semelhantes, as partes passarão a significar em função do todo.

A aquisição semântica em função do todo se dá, segundo Tagnin (2011: 87), porque “as colocações são combinações lexicais [...] arbitrarias [...] cujos constituintes são contextualmente restritos”. Ou seja, recuperando os conceitos de arbitrariedade e motivação do signo linguístico proposto por Saussure, haveria na colocação uma dupla arbitrariedade: a primeira porque os significantes não possuem relação com o significado do todo; a segunda porque a combinação dos lexemas não

⁸ Podemos citar como exemplos de quase-frasemas os estereótipos, os clichês, os bordões e os slogans.

segue um padrão lógico⁹. Nesse sentido, o valor semântico das partes se dilui no todo que os restringe ao contexto no qual é empregado.

A colocação, contudo, carece de plena idiomaticidade e seus constituintes não perdem totalmente o valor semântico particular em função do todo. A idiomaticidade se refere ao significado metafórico e opaco, pois o sentido não é formado pela simples soma das partes que compõem a expressão. Isoladamente, “quebrar um galho” pode ter dois sentidos: o denotativo, referindo-se à quebra de galho; ou o conotativo, o mesmo que “dar uma ajudinha”. É a idiomaticidade que transforma uma oração (sentido denotativo) em unidade fraseológica (sentido conotativo). Sanromán (2001), retomando Eugenio Coseriu, diz que nas colocações há uma influência semântica entre as palavras, de modo que o termo que exerce influência sobre a outra lexia é chamado de arquilexema ou hiperônimo e corresponde à base da colocação, enquanto o colocado torna-se limitado ao campo semântico do hiperônimo. Dessa forma, uma unidade colocacional apresenta dois elementos fundamentais na sua constituição: a base e o colocado. A influência semântica ocorre, justamente, nessa relação entre base e colocado, pois o significado da base restringe o significado do colocado. O autor português ainda destaca que:

Numa colocação, pensemos por exemplo em *ódio mortal*, um dos seus elementos constituintes, A (*ódio*), é selecionado pelo falante por causa do seu significado, que é conservado intacto; mas o segundo elemento constituinte, B (*mortal*), significa ‘C’ (‘intenso’), diferente de ‘B’ (‘que causa ou pode causar a morte’). Fora da colocação AB, B (*mortal*) não seria usado para exprimir ‘C’ (‘intenso’)” (Sanromán 2001: 188).

Ou seja, “b” assume significado de “c” devido à influência da base. Por essa razão, a colocação se encontra em vias de lexicalização, pois parte de seus constituintes funciona em função do todo e parte funciona de maneira independente.

Considerados os critérios que caracterizam as colocações, podemos nos voltar para a classificação delas. Nessa perspectiva, Santos (2011: 30) apresenta a seguinte tipologia, conforme o Quadro 2:

⁹ A segunda arbitrariedade a que nos referimos não se trata da perda de significado dos lexemas na combinação das unidades, mas justamente do fato de essa combinação acontecer sem motivação dentro sistema.

Quadro 2: A tipologia das colocações.

| DENOMINAÇÃO | BASE | COLOCADO | EXEMPLO |
|---------------------|-------------|-------------|---|
| Colocação nominal | Substantivo | Substantivo | Cartão de crédito |
| Colocação adjetiva | Substantivo | Adjetivo | Colégio interno |
| Colocação verbal | Substantivo | Verbo | Fazer barulho |
| Colocação adverbial | Verbo | Advérbio | Pressionar levemente |
| Colocação adverbial | Adjetivo | Advérbio | Devidamente representada (nesse caso, o colocado pode vir tanto anteposto quanto posposto à sua base) |

Fonte: Santos (2011: 30).

Diante de tais classificações, percebemos que a denominação que se dá a uma colocação está fundamentada nas classes gramaticais dos elementos presentes. Dessa maneira, conforme a classe a que pertencem os constituintes será também a classificação dessa unidade. Embora o critério adotado seja o gramatical, esse fator, na definição de uma colocação, é posterior à recorrência, pois, antes de determinar a tipologia a que pertence uma unidade colocacional, é preciso definir se realmente é uma co-aparição, outras unidades polilexicais ou até mesmo combinações livres, haja vista a opaca fronteira que existe entre essas estruturas linguísticas.

Entretanto, essa tênue diferença não se dá na classificação conforme as tipologias dentro do próprio fenômeno, mas na identificação de uma UF frente às demais. Por isso, devemos ver essas combinações lexicais a partir do todo que as compõe para, posteriormente, podermos classificá-las conforme os elementos presentes e as funções desempenhadas por eles no interior da UF.

4. O ESTEREÓTIPO COMO UM FENÔMENO FRASEOLÓGICO

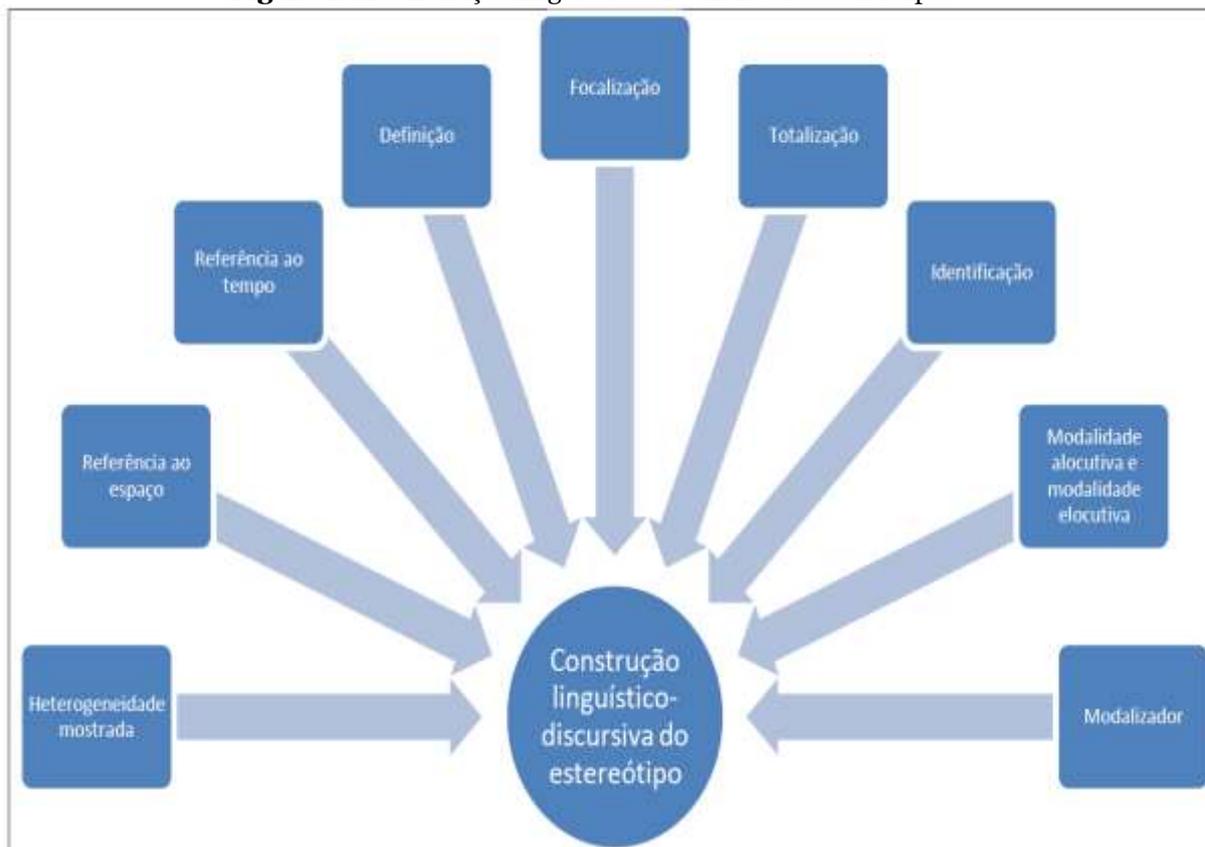
Historicamente, a palavra estereótipo está vinculada à imprensa. Esse era o termo utilizado para designar a placa metálica empregada na reprodução em massa das páginas dos jornais e folhetins. Posteriormente, por conotação, o termo sofreu uma ressemantização, passando a significar uma representação ou imagem

preconcebida de algo ou alguém: “o Brasil é o país do futebol”, “mulher no volante perigo constante”.

Essa representação coletiva fixa pode ser vista sob dois aspectos: um negativo, que tem por base o preconceito; e outro positivo, que tem por base a construção da identidade social do indivíduo (Florencio 2011: 19). Quando manifestado linguisticamente, o estereótipo está próximo de uma unidade fraseológica, por conter cristalização e indecomponibilidade, o que o coloca entre as combinações lexicais livres e as combinações restritas.

Florencio (2011: 82) afirma que, linguisticamente, o estereótipo deve ser concebido como “uma *construção* do enunciador, que, ao trabalhar sobre o ‘acontecimento bruto’, deixa marcas da sua subjetividade na materialidade linguística [...]”. Essas marcas deixadas imputam o caráter fraseológico às unidades estereotípicas devido a diversos fatores, como podemos observar na Figura 1, a seguir.

Figura 1: A construção linguístico-discursiva do estereótipo.



Fonte: Florencio (2011: 122).

Diante desse panorama, entendemos que uma reflexão fraseológica sobre o estereótipo envolve diversos aspectos. Assim, uma unidade estereotípica como

“mulher no volante perigo constante” não consiste unicamente na avaliação do desempenho das mulheres na direção de veículos, mas numa visão generalizada que se atribui às mulheres sem a devida comprovação empírica. Desse modo, todo estereótipo seleciona uma visão que circulou ou está a circular na sociedade e a torna uma verdade inquestionável. Esse recorte ocorre dentro de um tempo e espaço específico, tendo o contexto como elemento fundamental na constituição da UF. De tal modo, no exemplo citado sobre a mulher na direção, o plano temporal e espacial para tal construção linguística é a discriminação e a submissão da mulher em muitas atividades da sociedade, como é o caso do ato de dirigir.

Assim, há a valorização de um aspecto particular para a definição do todo, como ocorre no exemplo “o Brasil é o país do futebol”. Nesse caso, o interlocutor é direcionado a um aspecto presente na sociedade brasileira (o fato de parte de seus membros serem amantes de futebol), a partir do qual toda a nação é definida como sendo praticante de futebol (sem considerar os que não apreciam tal esporte e fazem parte da nação brasileira). Esses que não partilham da ideia vinculada ao estereótipo ficam sem espaço dentro da enunciação, com uma identificação diluída pela visão totalizante.

Dois outros elementos presentes na constituição do estereótipo como UF são: as modalidades alocutivas e elocutivas e os modalizadores. Os primeiros (modalidades alocutivas e elocutivas) se referem, respectivamente, aos discursos previamente construídos e que estão vinculados aos estereótipos e a maneira específica de organização a fim de convencer os interlocutores. O segundo elemento (os modalizadores) dizem respeito aos juízos que, explícita ou implicitamente, são manifestados nos estereótipos. Como exemplo, na unidade “o brasileiro é alegre”, encontramos o aspecto alocutivo nos elementos intertextuais que dialogam com o frasema, enquanto a dimensão elocutiva se refere ao modo como tal unidade é empregada, isto é, voltada para a intencionalidade do sujeito produtor. Os modalizadores, por fim, são os juízos produzidos pelo interlocutor diante do emprego da UF.

5. CLICHÊ

Da mesma forma que o estereótipo, o termo clichê é originário da imprensa que recebeu posteriormente uma conotação linguística, daí a razão pela qual é

comum tomar como sinônimos os seguintes termos: estereótipo, estereotipia, clichê, banalidade, lugar-comum, chavão, chapa, rótulo, fórmula estereotipada, trivialidade. Há entre eles sinonímia?

Monteiro-Platin (2014) aponta o estereótipo como a repetição de um modelo sem preocupação com sua veracidade, enquanto clichê seria a repetição de uma fórmula linguística. Em outras palavras, poderíamos falar em estereótipo como um processo voltado aos aspectos cognitivo, histórico, social, psicológico etc., e o clichê relacionado à repetição linguística propriamente dita.

Na tentativa de distinguir estereótipo e clichê, Santos (2012: 27-8) afirma que:

A diferença entre clichê e estereótipo consiste no fato de que o último está mais ancorado no discurso, enquanto o primeiro se estabelece pela repetição literal de frases do tipo 'lugar de mulher é na cozinha'. O estereótipo, no discurso, deve ser reconstruído pelo leitor, por meio dos modelos culturais existentes; assim, no caso da mulher, está-se na dependência do conjunto das imagens que em geral se tem dela: fragilidade, maternidade, tanque, cozinha etc. O clichê, por sua vez, diferencia-se do estereótipo por estar mais ligado a um estilo banalizado, a figuras que se repetem ou a frases feitas, repetidas nos discursos, a pensamentos marcados pela banalidade e falta de originalidade.

A perspectiva adotada pela autora nos coloca diante de uma hipótese: seria o estereótipo apenas uma construção realizada pelo sujeito produtor e o clichê uma realidade material? Todavia estabelecer um limite nítido em realidade tão opaca não é tarefa fácil. Por isso, Amossy e Herschberg-Pierrot (2007, *apud* Florencio 2011) falam em um “continuum” entre essas duas unidades.

Embora os autores supracitados apresentem uma significativa proximidade entre clichê e estereótipo, a proposta aqui é diferenciar os termos: estereótipo: expressão ou ideia preconcebida; clichê: expressão muito repetida, em geral, com mais de duas palavras, sem ideia preconcebida (Quadro 3).

Quadro 3: Exemplos de clichês e estereótipos.

| CLICHÊ | ESTEREÓTIPO |
|---|---|
| <p>“E viveram felizes para sempre” "Antes de mais nada" “Era uma vez”</p> | <p>“Os portugueses são burros” “Os mulçumanos são terroristas” “Os sem-terra são preguiçosos” “Loura é burra” “Colombianos são traficantes” “Todos os alemães são prepotentes”</p> |

Fonte: elaborado pelos autores.

Às vezes, expressão idiomática (EI) e clichê estão bem próximos, mas são distintos. A expressão “nos quatro cantos do mundo” é uma EI, pois apresenta os três atributos necessários para uma unidade fraseológica prototípica: polilexicalidade, estabilidade, metaforidade. Já “antes de mais nada” é um clichê, pois lhe falta a metaforidade: é polilexical e estável, mas não completamente metafórico. Como se pode notar, o estereótipo apresenta uma visão de mundo; o clichê, simplesmente uma expressão repetida com frequência, sem uma ideia preconcebida.

6. COLOCAÇÕES, ESTEREÓTIPOS E CLICHÊS: DISTINÇÕES

Definir e delimitar unidades fraseológicas são tarefas difíceis, como já mencionado. A dificuldade aumenta quando as unidades em análise são unidades periféricas do ponto de vista fraseológico. Com base nessa ressalva, tentamos delinear, com o que foi exposto até aqui, as unidades no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4: Limites entre colocação, estereótipo e clichê.

| COLOCAÇÃO | CLICHÊ | ESTEREÓTIPO |
|--|---|--|
| Expressão frequente composta de duas palavras e sem hífen: “amar cegamente” “amigo íntimo” | Expressão frequente composta de mais de duas palavras, sem ideia preconcebida: “Antes de mais nada” “Era uma vez” | Ideia ou expressão que veicula imagem preconcebida: “o Brasil é o país do futebol” “loira é burra” |

Fonte: elaborado pelos autores.

Essa hipótese considera as unidades aludidas frasemas distintos. Porém, não se trata de um modelo fechado, mas apenas algumas reflexões com os principais traços elencados pela literatura sobre as UF's. As diferenças ocorrem em função de utilizarem mecanismos diferentes na sua configuração linguística, bem como no papel que desempenham dentro do discurso. Dessa forma, também levamos em consideração a função desempenhada dentro do discurso, sendo as colocações um frasema que restringe o campo semântico dos elementos constituintes; os estereótipos um conhecimento trivial sobre determinado assunto, pessoa, nação etc.; e os clichês uma repetição de modelos banalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar em unidades fraseológicas ainda é um desafio dentro dos estudos linguísticos, especialmente quando se trata de unidades não prototípicas, como é o caso do objeto de estudo do presente trabalho – colocações, estereótipos e clichês. Observamos que são levantadas diversas conjecturas, porém não consensuais entre os fraseólogos. Os pontos mais delicados se referem à fronteira entre uma unidade e outra, pois nem sempre a definição conceitual é capaz de atender às realidades práticas.

Também não há obras específicas para o tratamento desses fenômenos, visto que os dicionários gerais não são capazes de abarcá-los e a pesquisa linguística ainda é principiante no campo das UF's periféricas. Diante dessa dificuldade, amplia-se a confusão conceitual presente na compreensão dos eventos fraseológicos. Desse modo, essa difícil tarefa teórica e prática em definir e delimitar as UF's revela um campo a ser investigado, pois muitas unidades não prototípicas são mal compreendidas e, por conseguinte, estigmatizadas quando empregadas no uso concreto da língua. Essa confusão conceitual é própria do nível fraseológico, que, em virtude dos estudos relativamente recentes, ainda não conseguiu chegar a um consenso de quais são e como devem ser definidas suas unidades. As combinações linguísticas são fenômenos que precisam ser compreendidos enquanto estruturas pertencentes à língua e detentora de função na configuração geral do discurso.

REFERÊNCIAS

1. ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
2. BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001, p. 153-166.
3. BORBA, Francisco da Silva (org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

4. CARVALHO, Gislene Lima. *Unidades fraseológicas no ensino de língua estrangeira: os últimos serão os primeiros*. Fortaleza, UFC, 2011, 125 p. dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2011.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo, 2010.
6. FLORENCIO, Renata Aparecida Toledo. *O ano do Brasil na França: um estudo da construção linguístico-discursiva do estereótipo*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 204 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
7. GAMA, Bárbara Sofia Nadais da. *O léxico em aulas de ple: um contributo para o ensino de colocações*. Porto, Universidade do Porto, 2009, 96 p. dissertação (mestrado) – Mestrado em português língua segunda / língua estrangeira, 2009.
8. HOUAISS, António. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (Versão eletrônica).
9. LORENTE, Mercè. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, Aparecida; KRIEGER, Maria. G. (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, vol. II*. Campo Grande: Editora UFMS, 2003, p.19-30.
10. MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 13 dez. 2016.
11. MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna* (volume I). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
12. ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa (org.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes Editores, 2011.
13. _____ (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia, v. 1 e 2*. Campinas: Pontes, 2012.
14. POTTIER, Bernard; *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença; Universidade Santa Úrsula, 1978.

15. RODRIGUES, Gislaine. *Estudo sobre as expressões idiomáticas e o uso de dicionários Especiais da língua portuguesa no ensino fundamental*. 2010, 117 p. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
16. SABINO, Marilei Amadeu. Expressões idiomáticas, provérbios e expressões idiomáticas proverbiais: iguais, semelhantes ou diferentes? In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri. *O léxico em foco*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010, p. 331-47.
17. SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico*. São Paulo: Nova Geração, 2010.
18. SANROMÁN, Álvaro Iriarte. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frases, pragmatemas*. Tese (Doutorado em ciências da linguagem), Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga (Portugal), 2001. 441 f. Disponível em:
https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf. Acesso em: 03 dez. 2016.
19. SANTOS, Andrea Geroldo dos. *Working closely with corpora: proposta de ensino de colocações adverbiais em inglês para negócios, sob a luz da linguística de corpos*. São Paulo, USP, 2011, 166 p. dissertação (mestrado) – programa de pós-graduação em estudos linguísticos e literários em inglês do departamento de letras modernas da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo, 2011.
20. SANTOS, Isandréia Girotto dos. *Os estereótipos culturais no ensino do FLE: teoria e prática*. 2012. 150 f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2012.
21. SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.
22. SEIDE, Marcia S.; VESCOVI Jéssica P.; COTTICA, Angela M. A Base Nacional Comum Curricular e o estudo do léxico nos cursos de Licenciatura em Letras. *Revista GTLex*, vol. 1, n. 2, 2016, p. 237-256.
23. TAGNIN, Stella. Como os lexicógrafos poderiam descrever satisfatoriamente as colocações? In.: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ,

Philippe René Marie (orgs.) *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 87-90.

24. XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.), p. 147-159, 1998.

Recebido em: 05/06/2017

Aceito em: 07/08/2017